

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

MICA DA SILVA OLIVEIRA

Gabriela Loran e a afetividade nas vivências de mulheres trans: uma investigação crítica do discurso

Maceió/AL
2023

MICA DA SILVA OLIVEIRA

Gabriela Loran e a afetividade nas vivências de mulheres trans: uma investigação crítica do discurso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras – UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português. Orientadora: Prof. Dra. Lorena Araújo de Oliveira Borges.

MACEIÓ/AL

2023



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Mica da Silva Oliveira

MATRÍCULA: 16110391

TÍTULO DO TCC: Gabriela Loran e a afetividade nas vivências de mulheres trans: uma investigação crítica do discurso

Ao(s) 03 dia(s) do mês de maio do ano de 2023,

reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Lorena Araújo de Oliveira Borges

1º Prof./a Examin./a: Rita de Cássia Souto Maior

2º Prof./a Examin./a: Pedro Gustavo Rieger

que julgou o trabalho () APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10,0 (dez inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 10,0 (dez inteiros)

2º Prof./a Examin./a: 10,0 (dez)

totalizando, assim a média 10,0 (dez inteiros),

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 03 de maio de 2023.



Documento assinado digitalmente
LORENA ARAUJO DE OLIVEIRA BORGES
Data: 03/05/2023 11:19:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof./a Orientador/a:



Documento assinado digitalmente
RITA DE CASSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA
Data: 25/04/2023 00:18:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Prof./a Examin./a:



Documento assinado digitalmente
PEDRO GUSTAVO RIEGER
Data: 24/04/2023 19:57:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º Prof./a Examin./a:



Documento assinado digitalmente
ROSANA TACIANA PORTELA NICACIO DOS
Data: 31/05/2023 12:11:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VISTO DA COORDENAÇÃO

GABRIELA LORAN E A AFETIVIDADE NAS VIVÊNCIAS DE MULHERES TRANS: UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICA DO DISCURSO

Mica da Silva Oliveira

(Letras-Português / FALE – UFAL)

Lorena Araújo de Oliveira Borges

(Orientadora / Letras-Português / FALE – UFAL)

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de investigar, à luz da Análise do Discurso Crítica (doravante ADC), as representações do afeto no discurso da atriz e criadora de conteúdo Gabriela Loran, uma mulher trans. Para tanto, selecionamos três textos multimodais em formato de vídeo que foram publicados em seu perfil no Instagram ao longo de 2021. Mobilizamos arcabouço teórico-metodológico proposto por Fairclough (2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Martin e White (2005) e Ramalho e Rezende (2011), que entendem discurso como parte integrante das práticas sociais; e por Magalhães et al (2017), que propõem a metodologia de pesquisa etnográfica- discursiva, que busca relacionar o estudo do texto a essas práticas.

Com o intuito de apresentarmos os resultados de nossa investigação, dividimos o presente trabalho em cinco seções. Na primeira, apresentamos os principais conceitos propostos pela ADC, como Discurso, discurso e práticas sociais. Na segunda seção, discutimos como a afetividade pode ser estudada a partir dos estudos críticos do discurso e apresentamos a Teoria da Avaliatividade proposta por Martin e White (2005), que fundamentará a análise dos dados da pesquisa. Na terceira seção, apresentamos os aspectos metodológicos da etnografia-discursiva que é realizada. Na quarta seção, analisamos como a afetividade em relação às mulheres trans é construída nos textos de Gabriela Loran. Por fim, apresentamos uma discussão

sobre como a afetividade é apreendida no seio das discussões feministas e transfeministas e como as representações configuradas por Gabriela dialogam com essas percepções.

Análise de Discurso Crítica

Para a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC), o Discurso é compreendido como “um momento integrante e irreduzível das práticas sociais” (RAMALHO; REZENDE, 2011, p.16). Encontra-se, portanto, articulado aos demais momentos dessas mesmas práticas, sendo estes os fenômenos mentais, as relações sociais e o mundo material. Essa é uma noção de Discurso mais abstrata, que remete à relação dialética que existe entre linguagem e a sociedade. Entretanto, em ADC, *discurso* também assume um significado mais concreto (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26), indicando *modos particulares de se representar o mundo*. No primeiro caso, Discurso é grafado com inicial maiúscula; no último, o conceito de discurso remete a *discursosparticulares* ou *discursos*, no plural, sendo grafado com inicial minúscula.

Se entendemos Discurso como parte das práticas sociais, faz-se necessário definir o que são essas práticas. Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999) explicam, as práticas sociais são o nível intermediário da vida social, aquele que se encontra entre os níveis mais fixos (as estruturas sociais) e os mais flexíveis (os eventos sociais). Nesse sentido, as práticas sociais estão entre a estrutura, na qual a linguagem figura como um *sistema semiótico*, e os eventos, nos quais ela se manifesta como *textos particulares* (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26). As práticas, então, configuram-se como o “ponto de conexão entre *estruturas abstratas*, com seus mecanismos, e *eventos concretos*”, isto é, entre “sociedade e pessoas vivendo suas vidas”. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

No nosso dia-a-dia, nas nossas interações, quando utilizamos a linguagem, “recorremos a maneiras particulares de *representar*, de *agir* e *interagir* e de *identificarmos* o mundo e a nós mesmos” (RAMALHO; REZENDE, 2011, p.16), mobilizando gêneros, discursos e estilos específicos para cada contexto. A (inter)ação, representação e (auto)identificação, modos pelos quais o Discurso figura simultânea e dialeticamente em práticas sociais, dão origem, respectivamente, a três tipos de *significados do discurso*: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional.

No presente trabalho, focaremos nossa atenção nas maneiras de representar e, portanto, nos discursos. Quando tratamos do significado representacional, estamos falando de discursos que representam as “diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as

pessoas estabelecem com o mundo”, que “dependem de suas posições e as relações que estabelecem com outras pessoas” (FAIRCLOUGH, 2003). A representação, em termos de discurso, está ligada a campos sociais específicos e projetos particulares. Quando essas representações particulares são postas como únicas possíveis e verdadeiras, ou seja, quando há a universalização de um discurso particular e sua legitimação pelas estruturas de poder, surge uma poderosa ferramenta para a manutenção de hegemonias. Exemplo disso é a maneira como o sistema capitalista mobiliza discursos universalizados para garantir sua hegemonia, mesmo quando apenas uma pequena parcela de toda a população mundial é, efetivamente, beneficiada pelo projeto econômico, político e social disseminado por essa ideologia.

Nesse processo de configuração de significados representacionais em diferentes práticas sociais, as mídias possuem um papel relevante. De modo geral, elas amplificam a disseminação de discursos cada vez mais hegemônicos restritos como verdades universais. Essa reflexão nos permite entender que, atualmente, muitas formas de poder devem ser consideradas como *poder simbólico*, ou seja, acesso privilegiado ao controle do discurso público (VAN DJIK, 2008, p.23 *apud* RAMALHO; REZENDE, 2011, p. 52-53). Nesse cenário, as mídias sociais têm desempenhado um papel interessante, possibilitando a grupos sociais historicamente subalternizados (SPIVAK, 2018), que foram (são) frequentemente silenciados e invisibilizados nas sociedades ocidentalizadas, um espaço para se fazerem ouvir.

Atenta a essa possibilidade, a presente investigação buscou compreender como as redes sociais, especificamente o *Instagram*, têm sido mobilizadas para reconfigurar diferentes significados em torno de vivências que são consideradas disruptivas – até mesmo abjetas (BUTLER, 2003) – pelos discursos hegemonzados. Nesse sentido, selecionamos o perfil de Gabriela Loran, atriz brasileira que tem levantado debates e discussões sobre diversos temas relacionados às pessoas trans*¹, questionando as crenças, os valores e os preconceitos que violentam quem integra esse grupo social. Focaremos nossa atenção na maneira como Gabriela representa a *afetividade* no âmbito dos relacionamentos com pessoas cisheteronormativas², buscando compreender como esta é configurada em torno das vivências transfemininas.

Tendo apresentado nosso referencial teórico, discorreremos a seguir acerca das possibilidades de observação da afetividade nos estudos do discurso.

¹ A utilização de trans* com o asterisco assinala que este é um termo “guarda-chuva”, abarcando uma grande variedade de identidades não-cisgêneras, tais como transgêneros, transexuais, travestis, genderqueers, Drag queens/kings, crossdressers, dentre outros (COACCI *apud* CAMPOS, 2014).

² De acordo com Nascimento (2021), a cisheteronormatividade caracteriza-se como um sistema colonial de gênero que opera para a desumanização de pessoas que estejam fora da hierarquia dicotômica baseada na diferenciação sexual binária que predomina nas sociedades ocidentalizadas.

A afetividade nos discursos

A afetividade pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, como as filosóficas, pedagógicas, psicológicas, linguísticas, dentre outras. No âmbito dos estudos críticos do discurso, uma das possibilidades de investigar a afetividade é entendendo-a como um modo de avaliação no discurso (BOLÍVAR, 1986). Para tanto, utilizaremos o aporte teórico-analítico disponibilizado pelo Sistema da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), a Avaliatividade se ocupa da presença dos falantes/escritores nos textos, de como eles adotam posturas tanto em relação ao que falam quanto em relação àqueles com quem falam, a como eles expressam opiniões, crenças, sentimentos e valores.

Martin e White (2005) dividem o Sistema da Avaliatividade em três subsistemas: Atitude; Engajamento e Gradação. A Atitude remete aos recursos que são utilizados para representar sentimentos, expressando afetividade (sentimentos de emoção), julgando o caráter e comportamento das pessoas (sentimentos éticos) e avaliando o valor de objetos, coisas e fenômenos em geral (sentimentos estéticos). O Engajamento lida com a origem das atitudes e com o jogo de vozes em torno das opiniões no discurso. A Gradação procura situar os fenômenos de acordo com a intensidade com que eles ocorrem.

Na presente investigação, nosso foco recai sobre a Atitude, subsistema que se divide em três regiões de sentimentos: Afetividade, Julgamento e Apreciação. A Afetividade é um modo de significação mobilizado pelo falante/escritor para expressar sentimentos positivos ou negativos em relação às coisas, às pessoas e aos eventos. O Julgamento lida com atitudes relativas ao comportamento, o que admiramos ou criticamos, elogiamos ou condenamos. A Apreciação envolve avaliações de fenômenos semióticos ou naturais, de acordo com o modo como eles são valorizados ou não em uma determinada área. Como nosso foco aqui está na Afetividade e, nos dados analisados, esta é construída em conjunção com o Julgamento, analisaremos essas duas subcategorias.

A Afetividade se preocupa com a construção de conjuntos de sentimentos e valores compartilhados por meio dos textos e com os mecanismos linguísticos mobilizados para o compartilhamento das emoções, gostos e avaliações normativas. A forma mais comum dessas avaliações ocorrerem é por meio de itens lexicais que são claramente avaliativos, como adjetivos, advérbios, participantes/atributos, participantes/nominalizações verbais e adjetivais,

processos mentais afetivos ou desiderativos³ e adjuntos modais. Também podem ocorrer por meio de orações que são capazes de provocar uma reação avaliativa nos ouvintes/leitores, mesmo não havendo itens lexicais que sejam claramente avaliativos.

Segundo Martin e White (2005), a Afetividade pode ser agrupada em três emoções distintas: i) felicidade/infelicidade; ii) segurança/insegurança; iii) satisfação/insatisfação. A variável felicidade/infelicidade abrange emoções relacionadas a *assuntos do coração* (tristeza, ódio, felicidade e amor). A variável segurança/insegurança abrange as emoções relacionadas com o bem-estar ecossocial (ansiedade, medo, segurança e confiança). A variável satisfação/insatisfação abrange as emoções relacionadas à busca por objetivos (tédio, desprazer, curiosidade, respeito, etc.). Além de uma emoção que reage a algo ou alguém, a Afetividade também pode envolver um *desejo*. No primeiro caso, temos a realização de processos mentais afetivos; no segundo, de processos mentais desiderativos.

O Julgamento, por sua vez, refere-se às avaliações que fazemos a respeito do comportamento ou caráter das pessoas. Tais julgamentos podem ser *sanção social*, quando têm a ver com valores que comprometem o indivíduo perante a lei, a regras, a decretos e a normas que regem as diferentes práticas sociais, ou de *estima social*, quando envolvem valores que comprometem o indivíduo perante o círculo de pessoas de seu convívio. Linguisticamente, os julgamentos de sanção social são manifestados por meio de itens lexicais que indicam veracidade (quão honesto?) e propriedade (quão passível de reprovação?), enquanto os de estima social ocorrem por meio do uso de itens lexicais que indicam normalidade (quão especial?), capacidade (quão capaz?) e tenacidade (quão confiável?).

A seguir, veremos como essas categorias se materializam nos textos analisados. Antes, entretanto, apresentaremos a metodologia desenvolvida nesta pesquisa.

A metodologia da pesquisa

Essa é uma pesquisa qualitativa, pois “se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2014 *apud* VERNAGLIA, 2020). Assim sendo, a pesquisa qualitativa busca explorar os significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014 *apud* VERNAGLIA, 2020).

³ De acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional, os processos mentais envolvem a realização de verbos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência. Os processos mentais afetivos expressam os sentimentos ou afeições, enquanto os processos mentais desiderativos exprimem desejos, vontades, interesses, etc.

Os dados da presente investigação são textos multimodais produzidos pela atriz Gabriela Loran, mulher trans, negra, moradora de comunidade em São Gonçalo (Rio de Janeiro), e publicados em seu *Instagram* pessoal (@gabrielaloran). A atriz foi escolhida pela sua relevância social⁴ e por produzir conteúdos que se adequam ao objetivo do trabalho, tendo abordado a afetividade em diversos de seus vídeos.

Para os fins da pesquisa, selecionamos os vídeos *Eu sou uma mulher trans, Dia Internacional da Visibilidade Trans* e *Virei mulher?*, publicados em 31 de março e 10 de outubro de 2021, respectivamente, nos quais Gabriela aborda suas vivências enquanto mulher trans e dialoga com os interlocutores acerca do papel da afetividade e da identidade nas experiências de uma mulher trans.

Uma vez que nosso objetivo neste trabalho é observar a representação da afetividade no discurso de uma mulher trans, selecionamos a metodologia etnográfica-discursiva, que busca relacionar o estudo do texto às práticas sociais (MAGALHÃES et al, 2017). A metodologia etnográfica-discursiva rompe com a *ingenuidade* do etnógrafo, uma vez que leva em consideração as suas intenções ao produzir uma pesquisa, associadas à literatura pertinente. A metodologia etnográfica-discursiva envolve um processo reflexivo baseado na observação de dados coletados em diálogo com outros estudos relacionados ao que se está observando. Essa articulação é essencial para que se possa tomar decisões a respeito da adequação de teorias ou explicações para os dados sob investigação (MAGALHÃES et al, 2017).

Para efeitos da análise da afetividade e do julgamento nos dados, utilizaremos as seguintes marcações para indicar as categorias de Atitude vislumbradas nos textos:

+	atitude positiva
-	atitude negativa
des	afeto: desejo
fel	afeto: felicidade/infelicidade
seg	afeto: segurança/insegurança
sat	afeto: satisfação/insatisfação
nor	julgamento: normalidade
cap	julgamento: capacidade
ten	julgamento: tenacidade
ver	julgamento: veracidade
prop	julgamento: propriedade

⁴ Além de ter atuado em novela da Rede Globo, a atriz possuía cerca de 350 mil seguidores no momento da escrita do presente trabalho.

As vivências de uma mulher trans

A seguir, apresentaremos como a afetividade é representada por Gabriela Loran em cada um dos textos analisados. Para tanto, realizamos a transcrição dos textos verbais de cada um dos vídeos que compõem o corpus e indicamos o tipo de afetividade ou julgamento mapeado no texto.

Texto 1: Eu sou uma mulher trans

O primeiro texto multimodal, intitulado *Eu sou uma mulher trans*, traz Gabriela vestida com um top preto sem alças, em posição *close-up* (Figura 1). Junto ao vídeo, encontra-se o texto escrito “É o mínimo que merecemos” junto aos emojis da bandeira trans, de uma mulher com a mão levantada e de uma faca e às *hashtags* #trans, #lgbt, #pride, #orgulho, #travesti.

Figura 1. Frame do vídeo *Eu sou uma mulher trans*



Fonte: Instagram @gabrielaloran

A seguir, encontra-se a transcrição do texto verbal apresentado por Gabriela Loran no vídeo em questão:

Eu sou uma mulher trans,
E esse recado é *pra* você que é uma mulher trans também.
Na verdade, é um conselho.
Vai conhecer um *boy* e ele segura sua mão em público?
Esse é o básico. [+nor]
Ele vai te apresentar *pra* família dele?
Isso é o básico. [+nor]
Ele vai assumir o seu relacionamento *pra* todo mundo?
Isso ainda é o básico. [+nor]
Às vezes, a gente aceita pequenas violências por achar que essas pequenas coisas são grandiosas [+nor].
Calma! São atitudes revolucionárias [+nor], sim! Mas não é nada além do mínimo [+nor] que a gente merece [+des] por sermos quem somos!

No texto acima, Gabriela Loran mobiliza julgamentos na construção da afetividade em torno das vivências de mulheres trans. Nesse sentido, faz julgamentos de estima social sobre atitudes que deveriam ser consideradas *básicas* e, portanto, não são excepcionais em um relacionamento. Ao indicar a normalidade desses comportamentos por meio do julgamento de estima social, estabelece que as mulheres trans não deveriam aceitar menos do que tudo isso: que o parceiro segure sua mão em público, a apresente para a família e assuma o relacionamento. É importante destacar que se Gabriela precisa manifestar a normalidade de atos como esses, e ao fazê-lo deixa implícito a percepção de que essas ações não são costumeiras nas vivências das mulheres trans.

O julgamento de normalidade justifica-se pelo fato de que essas atitudes, nas convenções da nossa sociedade, são comuns a casais cisheteronormativos. Essa dualidade entre a normalidade de tais atos para casais cis e estranhamento das mesmas atitudes quando voltadas a pessoas trans é abordada por Gabriela de maneira incisiva e ela insiste em afirmar e repetir que “*é o básico*”, no caso, ser tratada como uma pessoa digna de receber afeto.

A afetividade em torno dessas questões, assim, é construída ao indicar que as mulheres trans merecem vivenciar esse básico. O processo mental desiderativo na construção desse sentido - aqueles processos mentais que exprimem desejo, vontade e interesse em algo - indica o desejo por merecer o que se considera *básico* em vez de ter que vivenciar *pequenas violências* em troca desse básico.

Isso acontece porque, quando se trata de mulheres trans e travestis, todo relacionamento deve ser escondido e sigiloso; esse é o discurso propagado quanto aos relacionamentos com

peças que não atendem às expectativas do CISTema⁵ em que vivemos. Um exemplo disso é o caso do ex-jogador Ronaldo *Fenômeno*⁶, que, ao ter seu encontro com travestis exposto por jornais e tabloides de fofoca, negou veementemente e, ao não ser mais capaz de negar, desculpou-se à família e ao país pelo terrível crime que é, a seus olhos, se relacionar com travestis. Outro caso parecido ocorreu durante a Copa do Mundo de 2022, envolvendo o jogador francês Kylian Mbappé e a modelo Ines Rau⁷, quando rumores envolvendo um suposto relacionamento surgiram na mídia internacional e ambos foram alvos de comentários transfóbicos.

Gabriela aponta, no decorrer do vídeo, “pequenas violências” que se tornam aceitáveis porque, de acordo com ela, “o básico”, tal qual andar de mãos dadas e ser apresentada à família da pessoa com quem se relaciona, é colocado na posição de extraordinário; nas palavras dela, “grandioso”. Ao finalizar o vídeo, a atriz faz questão de pontuar que as atitudes citadas por ela, no contexto de relacionamentos com mulheres trans são, sim, revolucionários, pois se colocam em oposição a um discurso hegemônico que busca invisibilizar e marginalizar vivências trans e excluir esses corpos das esferas da sociedade.

A atriz nos leva a refletir sobre o significado de suas palavras, pois coloca as mesmas atitudes com “o básico” e “revolucionárias” ao mesmo tempo. Na fala da atriz, o discurso universalizado acerca de corpos trans é posto em xeque e ela, ao reafirmar que fazer o básico é também revolucionário, aproxima-se do público geral, não apenas ao público a quem se dirigiu no início do vídeo, como um chamamento a todes, uma vez que todes podem revolucionar as formas de se relacionar, ao fazer o que ela define como “básico”.

É possível observar, então, a partir do discurso de Gabriela que, para ela, o afeto é, ou melhor, apresenta-se, no simples tratamento humano que se dirige a corpos trans. O afeto representado nesse texto reside na humanização de mulheres trans e travestis, colocando estas como dignas do mesmo tratamento recebido pelas mulheres cis, que, nesse caso, se refere a mulheres cujas identidades de gênero não são o principal determinante no tratamento que virão a receber de outrem.

Texto 2: Dia Internacional da Visibilidade Trans

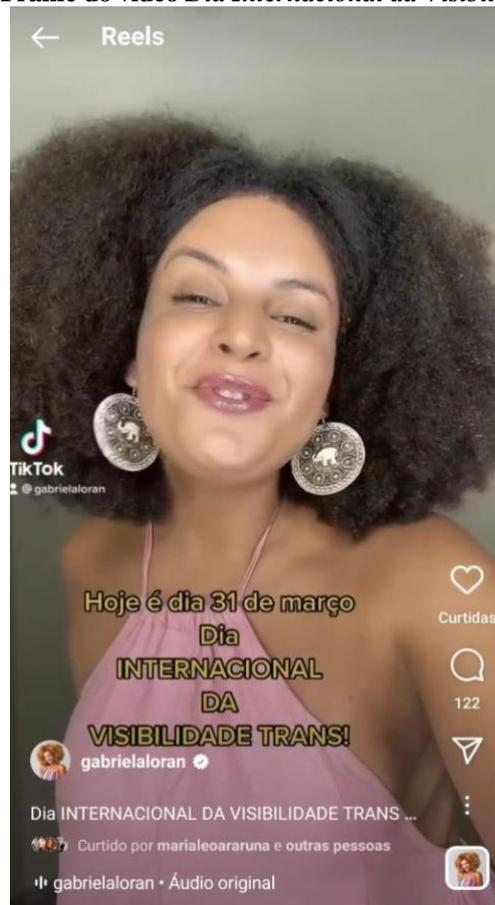
⁵ Sistema social baseado na tríade sexo – gênero – desejo, no qual o sexo biológico está atrelado à performance de gênero e à orientação do desejo (NASCIMENTO, 2021).

⁶ Cf. *Ronaldo se envolve em confusão com travestis*, publicado pelo site UOL. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2904200807.html>

⁷ Cf. *Em destaque na Copa, Mbappé é alvo de ofensas transfóbicas e racistas*, publicado pelo jornal *O Globo*. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/oglobo.globo.com/google/amp/esportes/catar-2022/noticia/2022/12/em-destaque-na-copa-mbappe-e-alvo-de-ofensas-transfobicas-e-racistas.ghtml>

O segundo texto multimodal, intitulado “*Dia Internacional da Visibilidade Trans*” traz Gabriela em um vestido rosa-chá e brincos largos e chamativos (Figura 2). Junto ao vídeo encontra-se o texto escrito Dia INTERNACIONAL DA VISIBILIDADE TRANS, os emojis de estrelas, emoji que representa a transexualidade, coração com brilho e bandeira trans e as *hashtags* #visibilidadetrans, #diainternacionaldavisibilodetrans, #internationaldayoftransvisibility.

Figura 2. Frame do vídeo *Dia Internacional da Visibilidade Trans*



Fonte: Instagram @gabrielaloran

A seguir, encontra-se a transcrição do texto verbal apresentado por Gabriela Loran no vídeo em questão:

31 de março Dia internacional da visibilidade trans
E é óbvio [+prop] que eu não poderia deixar essa data passar em branco.
E essa mensagem vai *pra* você que é trans
Primeiro eu quero dizer que eu tenho muito orgulho [+sat] em ser uma pessoa trans e que
nós devemos ter orgulho [+sat] de sermos quem somos, sim!
Nós conseguimos transmutar todo ódio direcionado a nossa existência em amor e
resistência e força *pra* viver e lutar contra as adversidades! [+sat]
Nós somos trans hoje, amanhã e todos os dias. Essa é a nossa condição de vida,

E lutaremos *pra* sermos quem somos até o fim.

O texto acima, transcrição do vídeo em celebração ao Dia Internacional da Visibilidade Trans, intitulado segundo a ocasião para a qual foi produzido, é endereçado às pessoas trans. Diferentemente do primeiro vídeo, que faz referência a fatores externos, esse vídeo foca em uma autopercepção e sensação de estima, é sobre valor próprio.

A atriz inicia por se identificar como pessoa trans e orgulhosa de tal, ao passo que também afirma se orgulhar de todas as pessoas trans. Ao fazê-lo, estimula que seus interlocutores também o façam. Gabriela segue explicando o motivo de seu orgulho, que vem da habilidade de as pessoas trans de “transmutar todo o ódio” recebido em “amor e resistência e força para viver e lutar”.

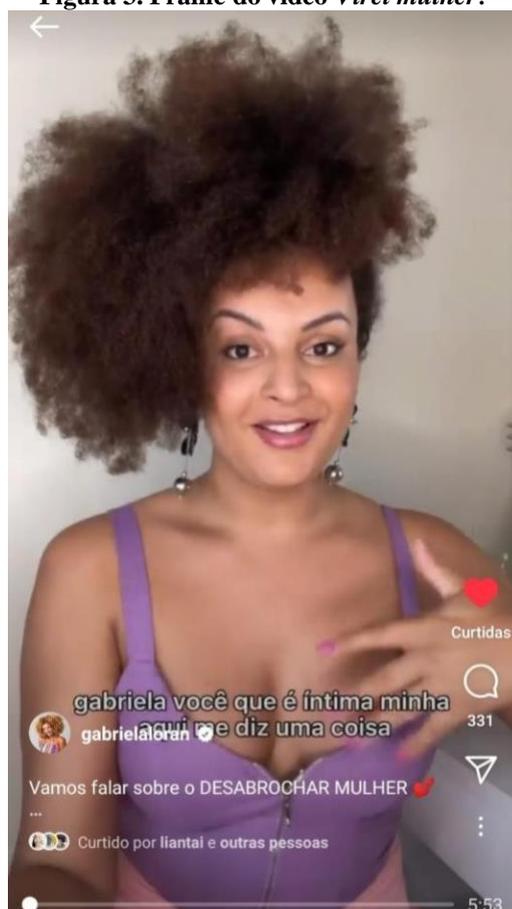
Aqui, evidencia-se um discurso político, aspecto presente nos vídeos de Gabriela, marcado pelo uso de termos como “revolucionário” e “lutar”, por exemplo. Ao afirmar que se orgulha de sua “condição” – termo usado por ela para se referir a sua transgeneridade – e estimular que outras pessoas trans também se orgulhem, Gabriela propõe uma quebra de paradigma, uma resistência ao discurso universalizado que marginaliza e invisibiliza corpos e vivências trans, colocando estes corpos como indignos de atenção e de orgulho.

Ao fazer esse chamamento ao orgulho e à luta para ser quem se é até o fim, nas palavras dela, Gabriela propõe um novo discurso sobre os corpos trans, um no qual esses corpos são vistos, ouvidos e valorizados, inclusive pelas próprias mulheres trans e travestis. Mais uma vez, no discurso de Gabriela, o afeto é retratado como a (auto)humanização de corpos marginalizados e excluídos, privados dos direitos mais básicos e essenciais.

Texto 3: Virei mulher?

O terceiro texto multimodal, intitulado “*Virei mulher?*”, traz Gabriela sentada frente à câmera usando uma blusa de alças de cor roxa. Junto ao vídeo, aparece o texto escrito “VIREI MULHER TRANS? Vamos falar sobre o DESABROCHAR MULHER” e os emojis de coração duplo e rosto com olhos fechados e sorriso, além das *hashtags* #mulher, #trans e #interseccionalidade.

Figura 3. Frame do vídeo *Virei mulher?*



Fonte: Instagram @gabrielaloran

A seguir, encontra-se a transcrição do texto verbal apresentado por Gabriela Loran no vídeo em questão:

“Gabriela, você que é íntima minha aqui me diz uma coisa: quando você decidiu ser mulher?”

Então gente, não vai muito *pra* esse lugar da decisão não, tá? Ser uma mulher trans não é uma escolha [-ver], mas sim condição de vida [+ver]. Exatamente. Por mais que demore um pouco *pra* muitas pessoas trans como eu, assim eu comecei minha transição com 23 anos, gente. Hoje eu tenho o quê, 28 anos. Nunca existe uma transição tardia [-ver], existe o entendimento de quem você é [+ver], e eu costumo dizer que, pra mim, eu tive o desabrochar enquanto pessoa trans. Eu sempre trago essa referência.

Mas aí as pessoas perguntam e questionam “Mas Gabriela quando que você decidiu ser?” Gente, jamais seria uma decisão [-ver], é uma condição [+ver]. Por mais que a gente entenda toda essa questão da nossa sociedade enquanto uma sociedade embasada em um sistema binário de gênero, ou seja, quando a gente nasce a gente só tem duas possibilidades, até mesmo antes, no útero da nossa mãe já é predestinado *pra* gente diversas coisas, através de um exame que define a sua genitália, e a partir da construção da sua genitália você já tem tudo pré-estabelecido. “Você vai ser isso, você vai ser aquilo, você vai gostar disso, vai gostar daquilo outro”, quando, na verdade [+ver], esse sistema é um sistema muito pobre [-sat] de informações. Por quê? Por que somos diversos [+nor]!

E aí quando você me pergunta “Gabriela, quando você decidiu ser mulher?” e o que é mulher *pra* você? Gente, mulher, primeiro que essa palavra “mulher” já me incomoda [-sat], mulher no singular, porque não existe “mulher” [-ver], existem “mulheres” [+ver]. E aí entra o quê? Na interseccionalidade.

Você sabe o que é interseccionalidade? Responde aqui embaixo “sei” ou “não sei”, porque a partir dessa resposta eu vou trazer uma outra reflexão. Interseccionalidade, gente. *Vamos* lá. “Gabriela a gente escuta muito essa palavra, eu já escutei várias vezes, mas eu não sei o que é e eu não fui no Google pesquisar não, porque assim, eu tenho muita preguiça [-cap]. Eu gosto de ficar aqui no meu, oh, na minha zona de conforto e aí caio, aparece um vídeo na internet, eu assisto e aprendo, mas se não aparecer também eu não estudo.”

Tá, se você é esse tipo de pessoa, que não sai da zona de conforto pra pesquisar [-cap], eu vou fazer um esforço [+cap] aqui, vou te explicar o que é interseccionalidade. Vamo pensar que eu, enquanto mulher trans, sou uma mulher trans preta de pele clara. Tenho cabelo crespo, trabalho com internet, formada em artes cênicas, estou numa graduação em psicologia, tenho o apoio [+seg] da minha família na construção enquanto mulher trans. Tenho 1,83m de altura, trabalho com internet (já falei isso, acho).

Interseccionalidade, gente, é o que nos diferencia, porque assim, não existe A mulher trans [-ver], não existe A mulher[-ver], não existe O homem [-ver], não existe O... Não existe! Somos diversos! [+ver] E essa pluralidade, essa possibilidade de ser diverso é a interseccionalidade, porque cada um de nós é único do jeitinho que a gente é [+ver]. Assim como existe a Gabriela, mulher trans preta de pele clara, existe a mulher trans branca, existe a mulher trans preta retinta, existe a mulher trans PCD, existe a mulher trans é... gorda, existe a mulher trans magra, existe a mulher trans... A possibilidade de um leque, é imenso.

E é por isso que, novamente, eu falo aqui: eu não estou na internet, gente, representando uma comunidade. Eu não quero ser, jamais quero ser líder ou a imagem das mulheres trans, não [-des]. Porque é impossível ser [-cap], porque somos diversas [+ver]. É impossível uma pessoa só representar uma comunidade tão maravilhosa e tão diversa quanto nós mulheres trans e travestis [-cap].

Então, não existe o ideal perfeito [-ver] de “ah, essa é mulher trans”. Não! Me incomoda muito [-sat] as pessoas me colocarem numa situação de, tipo, “Ai Gabriela você representa as mulheres trans”. Eu não tô aqui pra representar, gente [-cap]. Eu tô aqui pra ser Gabriela [+cap], pra ter minha subjetividade, e obviamente que eu entendo o peso de ser uma mulher trans na internet também. Por quê? Porque as pessoas me têm como espelho, e tudo bem. Tem inspiração, é ótimo [+sat], é ok, como eu tenho as minhas inspirações. Tem diversas inspirações nessas mulheres trans: Dri Maria, Luciana Porto, Michele de Prado, Sophie Vicenzo, é... quem mais gente, *vamo lá vamo lá vamo lá*, Ariadna, é... é... todo mundo. Várias, várias mulheres potentíssimas. E é sobre isso! A gente não tem que ser uma coisinha só, o importante é quê? Eu gostaria realmente de chegar um momento numa fase do universo, da vida, o que vocês acham também? Essa é uma pergunta, tá? Vou deixar aqui no ar *pra* vocês responderem.

Eu gostaria [+des] que chegasse no momento que a gente não precisasse ficar falando o que a gente é, o que a gente deixa de ser. Espero que um dia [+des], não vai ser a minha geração, não vai ser a nossa geração, que vai trazer esse babado, a gente *tá* nessa movimentação, mas, infelizmente, não vai ser a gente. Mas eu espero que um dia chegue nesse lugar também, porque, é... A gente tem que assumir as nossas histórias, as nossas subjetividades são lindas [+sat]. A gente tem que sair desse lugar de somos todos iguais. Nós não somos iguais [-ver] e graças a Deus, aos Orixás, ao universo, a Shiva, a quem você acredita. Graças a esses seres, essa energia, que nós não somos iguais [-ver]. Por que, imagina, viver num país, viver num mundo onde fôssemos todos iguais. Qual seria nossa subjetividade? O que seria de interessante? O que te atrairia em outra pessoa sendo a pessoa exatamente igual a você? Nós não somos iguais [-ver].

E aí, *pra* finalizar, eu trago outro questionamento aqui *pra* vocês, *pras* mulheres, você teve, cis, cis e trans. Quando foi esse momento de virada *pra* você? Não vou te perguntar quando você decidiu ser mulher, mas vou te perguntar quando você desabrochou enquanto uma mulher. Compartilha comigo aqui como foi seu desabrochar. Muitas de nós, foi através de dores, mas também foi através de vitórias, de carinho, de conhecimento, de reconectar, de religarem consigo mesmas.

Então é isso, gente. Espero que vocês tenham gostado desse vídeo, um beijo e até o próximo.

Gabriela começa por representar uma terceira pessoa, caracterizada como “íntima”, que faz a pergunta motriz do vídeo. A escolha da palavra *íntima* revela a proximidade de Gabriela com o interlocutor, que neste momento torna-se o público que a assiste e que ouvirá, a partir de agora, a sua resposta. A atriz começa sua resposta por refutar a ideia de que a transgeneridade seja uma decisão, e utiliza, como em outros vídeos, o termo *condição*. Ao negar que sua condição tenha partido de uma decisão, Gabriela estabelece sua identidade de gênero por meio de um julgamento de veracidade. Ao perceber-se mulher, ou desabrochar, como ela aponta, a transição parte não do desejo de ser, mas da descoberta daquilo que se é.

Em seguida, a atriz pontua que esse desabrochar se faz necessário por sermos, enquanto sociedade, pautados num binarismo de gênero. Gabriela pontua sua insatisfação com esse sistema, o que fica perceptível por meio do uso do adjetivo *pobre* para caracterizá-lo. Além disso, ao julgar negativamente a concepção de gênero hegemônica em nossa sociedade em termos de *veracidade*, conforme apontado anteriormente, Gabriela situa esse dispositivo no âmbito da sanção social, configurando-o como um dos elementos que situa os indivíduos na sociedade e rege as diferentes práticas sociais.

Dando continuidade, Gabriela introduz o termo *interseccionalidade* e, mais uma vez, apresenta insatisfação, desta vez marcada pelo uso do verbo incomodar (“me incomoda”), desta vez em relação ao uso da palavra *mulher* no singular, pois, como ela pontua, somos diversas. E, então, ela apresenta o conceito de *interseccionalidade*. Gabriela fala diretamente ao público e pergunta quem já conhecia o termo, quem se deu ao trabalho de sair de sua zona de conforto e procurar sobre o tema. Ao fazê-lo, ela tira o conceito de interseccionalidade de uma posição de normalidade, apontando que é necessário que se pesquise e estude sobre ele para que se compreenda o que *interseccionalidade* quer dizer. Segue, então, por exemplificar o conceito utilizando aspectos próprios para tal.

No decorrer do texto, a atriz aborda o apoio de sua família durante sua transição (“construção enquanto mulher trans”) e, aqui, o afeto aparece vinculado à emoção de segurança, pois o apoio da sua família possibilitou seu *desabrochar* enquanto mulher trans. Em seguida, reitera a pluralidade do ser, mostrando, novamente, insatisfação (“Não existe!”) com o uso do singular para representar um grupo social diverso.

Gabriela muda, então, levemente, o rumo da conversa para refletir sobre seu papel enquanto *representante* de uma comunidade. A atriz mostra-se insatisfeita com a obrigatoriedade de representar todo um grupo, apesar de entender o peso e a relevância da posição que ocupa. A mesma sobrepõe os termos “representar” e “ser”. Enquanto é, Gabriela

se contenta em ser “espelho” (“e tudo bem”), inspiração; mas se põe contra o ideal, a ideia de que há uma forma correta de ser, nesse caso, de ser mulher. No decorrer, apresenta suas próprias inspirações e caracteriza as pessoas indicadas como “potentíssimas”, construindo a afetividade em torno delas por meio de emoção relacionadas à satisfação.

No que se refere à construção da afetividade por meio dos desejos, Gabriela aponta o vontade de que, em algum momento futuro, não haja mais a necessidade de rótulos sociais (“Espero que um dia...”), ao mesmo tempo que demonstra insatisfação com estes. Em contrapartida, demonstra felicidade por sermos dotados de subjetividades (“são lindas”, “Graças “). Encerra o vídeo com um chamamento às mulheres que a assistem, para que também compartilhem o seu desabrochar. Neste momento, ao englobar mulheres trans e cisgêneras, Loran estabelece a normalidade do desabrochar para todas as mulheres.

As vivências e as relações trans*: à guisa de conclusão

Seria uma enorme presunção buscar definir o que é afetividade para todas as mulheres trans e travestis. Por isso, neste trabalho, buscamos identificar como a afetividade vem sendo representada no discurso de uma mulher trans, negra, atriz e criadora de conteúdo para plataformas digitais. Para ponderarmos um pouco sobre o que vem sendo discutido acerca da afetividade, recorreremos, aqui, a alguns trabalhos feministas e transfeministas.

Um estudo realizado sobre os movimentos das Marchas das Vadias (GUZZO; WOLF, 2020) buscou observar como se dava a construção das relações entre as participantes das marchas e verificou que muitas das mulheres que se juntaram aos movimentos se reconheceram nas vivências das outras, pois compartilhavam dores semelhantes, haviam sofrido violências semelhantes e, diante desse reconhecimento, desenvolviam afetos pelas, agora, companheiras. Entretanto, a ideia da afetividade enquanto sentimento resultante da empatia surgida do compartilhamento de vivências acaba por se restringir ao campo das discussões feministas realizadas por mulheres cisgêneras. Quando pensamos na afetividade destas em relação às vivências de mulheres trans e travestis, compartilhar dores e violências vividas é insuficiente para estabelecer essas conexões. Essa insuficiência se deve, em parte, ao fato de que essas mulheres não fazem parte do CISTema (NASCIMENTO, 2021) e precisam, primeiramente, ser reconhecidas enquanto mulheres.

Se compararmos a construção da afetividade em relação às mulheres trans a uma viagem de ônibus, precisamos considerar algumas paradas importantes nesse processo. A primeira delas

é a identidade. Mulheres trans e travestis precisam afirmar e reafirmar todos os dias que são identidades de gênero femininas e performar todos os estereótipos de feminilidade para serem (e sentirem-se) validadas. Em muitos relatos, principalmente prévios ao Provimento n.73/ 2018 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que garante às pessoas trans e não-binárias o direito de retificar seus nomes e gênero diretamente nos cartórios, é comum perceber a necessidade dessas mulheres se provarem enquanto “mulheres de verdade”, embonecadas e emperequetadas, para que suas identidades fossem respeitadas e validadas, principalmente pelos médicos e psicólogos que deveriam preparar um laudo que atestasse a transgeneridade como prova judicial para alteração do registro de nascimento.

Continuando com a jornada, em nossa metáfora, a segunda parada seria a aceitação. Mulheres trans e travestis devem lutar pelos seus espaços e serem aceitas pelas outras mulheres como iguais. Aqui, é possível perceber que a sororidade⁸, tão representada pelos movimentos feministas, não se aplica a todas as mulheres. Vários empecilhos, como a proibição do uso de banheiros femininos, *misgendering*⁹ e negação de serviços essenciais e básicos – como atendimento em postos de saúde –, são alguns dos exemplos do que espera por mulheres trans e travestis na parada da aceitação.

A terceira parada é a dos relacionamentos. Sendo o ser humano um ser sociável e que depende das relações com o mundo e outros seres humanos para se estabelecer enquanto sujeito neste mesmo mundo que o constitui e no qual ele é constituído, as pessoas trans precisam reestabelecer suas conexões. No momento em que elas se entendem trans*, é comum que ocorram violências como abandono familiar, abandono por parte de amigos e de pessoas com as quais se relacionavam romântica e sexualmente. Nesse cenário, a rede de afetos outrora existente fica parcialmente ou completamente comprometida, tornando suas vivências cada vez mais precárias.

Somando-se a isso, chegamos à quarta parada, a das oportunidades. Grande parcela da população trans possui baixa escolaridade e, mesmo quando são qualificadas para determinados trabalhos, principalmente os que envolvem atendimento ao público, são recusadas pela sua condição transgênera. A falta de escolaridade e de oportunidades de emprego empurra essas mulheres, principalmente as pretas e pardas, para a marginalidade e, mais frequentemente, para a prostituição¹⁰. Essa marginalização gera mais estigma e preconceito, que perpetua a exclusão desses corpos trans de espaços não marginalizados e dificulta - até mesmo impossibilita - a construção de afetividade em relação a eles.

⁸ De acordo com o Cambridge Dictionary, a sororidade, do inglês *sisterhood*, é um forte sentimento de apoio e amizade entre mulheres que estão envolvidas em ações que buscam a melhoria dos direitos das mulheres.

⁹ De acordo com o Cambridge Dictionary, *misgendering* é o uso de pronomes e/ou outras palavras marcadoras de gênero de forma errônea ao se referir a uma pessoa, especialmente às pessoas trans*.

¹⁰ Cf. <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/15/transsexuais-encontram-dificuldades-para-o-acesso-a-educacao-e-trabalho/>

Em nossa metáfora da viagem de ônibus, o motorista é a conformação, pois, para as pessoas trans, o discurso frequente é “sempre foi desse jeito, todas passaram por isso ou vão passar”. Por isso, a construção da afetividade baseada somente em vivências semelhantes se mostra insuficiente para mulheres trans e travestis, pois a violência imputada a seus corpos é frequentemente apresentada como normal, até mesmo natural, pelos discursos hegemonzados. Nesse sentido, embora observar como os movimentos feministas representam a afetividade seja importante, é crucial direcionar o olhar a como as mulheres trans e travestis entendem a afetividade e como essa visão influencia suas vivências e qualidade de vida.

No trabalho *Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais* (2020), Frida Pascio Monteiro buscou observar como mulheres trans e travestis não transgenitalizadas e como diferentes grupos étnicos e classes sociais entendem e definem as afetividades. As entrevistadas que possuíam maior escolaridade e melhor condição socioeconômica referiram-se ao afeto como o estabelecimento de um padrão monogâmico heteronormativo de casal e família, com as mesmas buscando viver esse ideal tal qual as mulheres cisgêneras. Para as entrevistadas com baixa escolaridade e que se enquadram como sendo de baixa renda, os afetos se referem a coisas muito mais simples, tidas como básicas para relacionamentos interpessoais em geral, sendo elas respeito e atenção. Nesse último caso, as pequenas demonstrações de carinho e não violência são as definições de afeto, pois, como discorrem ao decorrer da entrevista, em suas vidas, desde muito novas, foram recorrentes as violências, tendo uma delas relatado eventos que datam de quando ela tinha dez anos de idade.

A partir da análise apresentada, foi possível perceber que Gabriela Loran, autora e produtora destes materiais, compreende e engloba ambas as visões sobre afeto. Enquanto transita por elas, constrói, também, suas próprias definições de afeto. Durante esse processo, Loran aborda seu desabrochar enquanto mulher e, a partir disso, estabelece suas perspectivas do que é ser uma mulher ou, de acordo com ela mesma, sermos mulheres, no plural. Abordando o tema com seriedade e, ao mesmo tempo, leveza, aspecto permitido pelas plataformas digitais, Gabriela traz questões levantadas pelos movimentos (trans)feministas e elabora um amplo debate sobre as vivências e a (não) presença dos afetos na trajetória de uma mulher trans. A partir dessas representações, a atriz nos convida a observar a sua própria realidade enquanto refletimos sobre as nossas, enquanto mulheres, trans e cis, tecendo laços de coletividade e empatia que nos possibilitam entrelaçarmos nossas subjetividades.

Referências

- BOLÍVAR, Adriana. **Interaction through written text: a discourse analysis of newspaper editorials**. Tesis de Doctorado. Universidad de Birminham, Inglaterra, 1986.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: 2003.
- CAMPOS, Dafne marcelle de Almeida Ramos. **Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- CHOULIARIAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, Nova York: Routledge, 2003.
- GUZZO, Morgani; WOLFF, Cristina Scheibe. “Afetos no engajamento político das Marchas das Vadias no Brasil (2011-2017)”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e72429, 2020.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday’s introduction to functional grammar**. Fourth Edition. Abington/New York: Routledge, 2014.
- MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V (2017). **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. doi: 10.7476/9788523013370
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation**. New York: PalgraveMacmillan, 2005.
- MONTEIRO, Frida Pascio. **Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais**. Tese (Mestrado em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara – SP, Universidade Estadual Paulista (UESP). Araraquara, p.239. 2020.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Subverter o CISTema: o Transfeminismo na voz de Letícia Carolina Nascimento**. [Entrevista concedida a] Nicole Ballesteros Albernoz. Site Catarinas, janeiro, 2022. Disponível em: <https://catarinas.info/subverter-o-cistema-o-transfeminismo-na-voz-de-leticia-carolina-nascimento/>
- RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- VERNAGLIA, Taís Veronica Cardoso. **Pesquisa Qualitativa**. 2020. Apresentação do PowerPoint. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/581071?mode=full>. Acesso em: 2 de abril de 2023.